ANO XII / DEZEMBRO DE 1954 / N.º 120



Novellae

OLIVARUM

NOVELLAE OLIVARUM

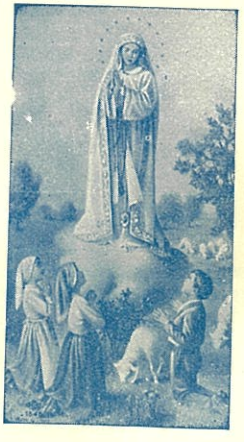
REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI — OLIVAIS
COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Director — ABÍLIO TAVARES CARDOSO
Redactores — SEBASTIÃO ANTÓNIO RENDEIRO
— FERNANDO DA PIEDADE MELRO
Proprietário e editor — ANTÓNIO DE OLIVEIRA FRANGO
Administrador — ANTÓNIO AUGUSTO SOBRAL

Composto e impresso na Sociedade Editora Ala Esquerda, L.ª — BEJA — Telef. 268

SUMÁRIO

O Anel da Esposa — P. José Ferreira 290
Nossa Senhora no Antigo Testamento — A. Leitão 297
A Virgem Imaculada num Auto Sacramental — S. Rendeiro... ... 303
Cântico da Comunhão — Advento — F. M. — A. L. 308
Panorama 311
Crónica — Alberto Neto 316
Redondilhas — A. Saraiva Leitão 319
Sumário 320



IMAGENS MISSAIS
PARAMENTOS
LIVROS RELIGIOSOS
E
TODOS OS ARTIGOS
PARA O CULTO

LIVRARIA CATÓLICA

FUNDADA EM 1866

Sousa Tavares L.da

220, RUA AUGUSTA, 222 Telef. 2 7757

LISBOA

E. PINTO BASTO & C.ª, L.da

LISBOA

TRANSPORTES MARÍTIMOS E AÉREOS

SEGUROS **CARVÃO**

(REPRESENTAÇÕES

INDUSTRIAIS, ETC.)

EXPORTAÇÕES

TRANSITÁRIOS

ETC., ETC..

NO PORTO

KENDALL, PINTO BASTO & C.ª, L.da

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme norma canónica e com a aprovação de Sua Excelência Rev.ma o Senhor Bispo do Porto

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PORTO

ROSSIO, 93, 2.º
LISBOA

Tecidos pretos



Praça dos Restauradores, 13-3.º — Tel. 30876 — LISBOA
(Tem elevador)

Apresenta a maior existência de lanifícios pretos para o
Clero, Seminaristas e Ordens religiosas
Peça amostras ou visite o nosso estabelecimento para melhor escolha. Concedemos facilidades de pagamento

N. B. — Não fazemos descontos mas vendemos aos melhores preços

FUNDADA EM 1756

"CENACULO"

VINHO PARA MISSA

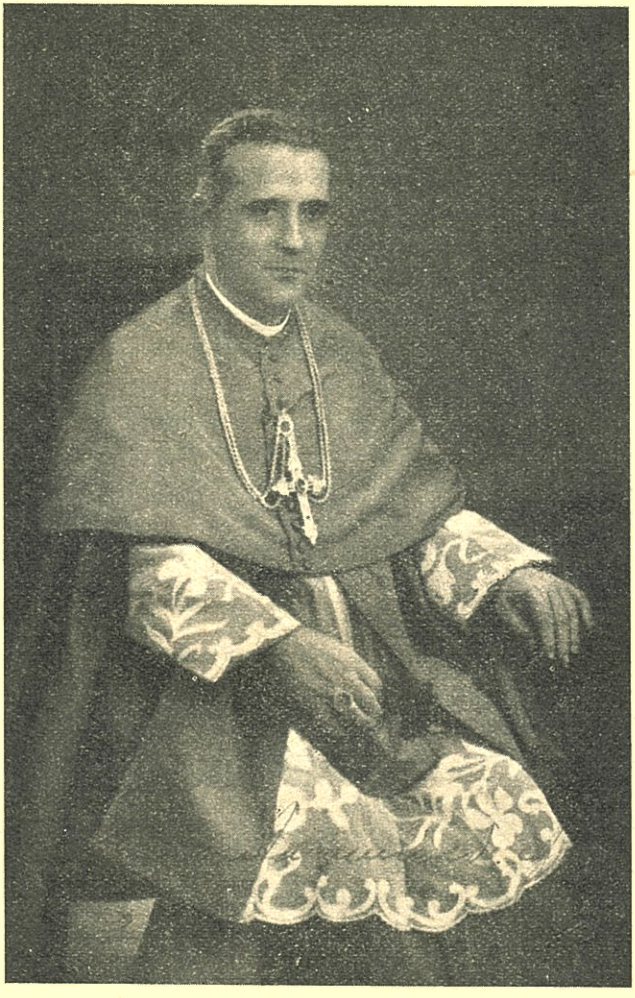
Com a aprovação de S. Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

REAL COMPANHIA VELHA

PORTO — Rua das Flores, 69

LISBOA — Praça dos Restauradores

D. ANTÓNIO DE CAMPOS
Novo Bispo Auxiliar do Patriarcado



A Sua Ex.ª Reverendíssima, honra do clero olissiponense e feliz promessa de Hierarquia em Portugal "Novellae Olivarum,, rende humilde e respeitosa homenagem. Que por Deus seja favorecido com as melhores bênçãos em longo e fecundo Pontificado para bem da Santa Igreja e glória do mesmo Senhor, Pai de toda a misericórdia

O ANEL DA ESPOSA

Na véspera da sua morte, quando se preparava para ser baptizado no Baptismo do seu divino sangue e se dispunha a procurar a si próprio, à custa do duelo da cruz, « a gloriosa Igreja », como Esposa « sem mancha nem ruga, mas santa e imaculada », (1) o Senhor entregou a Seus Apóstolos os mistérios do Seu corpo e sangue, (2) ordenando-lhes, que assim fizessem pelos séculos fora, com estas palavras : *Hoc facite in meam commemorationem.* (3)

Que significa esta palavra *hoc ?* — O mistério da Ceia. E que é o mistério da Ceia ? — O da Cruz. E que é o da cruz ? — Toda a Nova Aliança de Deus com os homens, pelo sangue de Seu Filho, todo o pecado destruido, toda a Graça restaurada, toda a Paz reconquistada, todo o triunfo do Amor de Deus sobre o ódio de Satanás.

Tudo isto o realizou uma vez por todas, na Sua vida histórica, Jesus de Nazaré, e de tudo isto foram testemunhas oculares os Apóstolos e discípulos de quem falam os Evangelhos.

Mas o mistério operado por essa vida do Homem-Deus transcende o tempo em duração, como transcendia em valor a compreensão dos seus contemporâneos.

O sacrifício eucarístico ficaria sendo, até ao fim dos tempos — *donec veniat* (4) — a presença no tempo do mistério extra-temporal de Cristo, para que a Igreja de todas as idades e de todos os lugares pudesse directa e imediatamente participar na oblação de seu divino Chefe.

---

(1) Efes. V, 23
(2) Hanc Igitur de 5.ª feira Santa
(3) Luc. XXII, 19; I Cor. XI, 24-25
(4) « Até que Ele venha »: I Cor. XI, 26

Condescendência suprema esta de Jesus, e compreensão profunda da pouca facilidade com que os homens retêm a memória dos que um dia foram seus amigos !

Aquela Ceia foi na Nova Aliança o primeiro acto litúrgico. Os Apóstolos haviam de o repetir pelos anos além, e, em volta da celebração eucarística, nasceria, pouco a pouco, toda a liturgia cristã.

A Eucaristia não é apenas a presença do Corpo e do Sangue de Jesus, mas a Sua acção sacrificial, pela qual o Mediador da Nova e Eterna Aliança « a Si mesmo se oferece imaculado a Deus ». (1)

Ora a vida de Jesus foi toda ela orientada no sentido do Sacrifício Redentor. Por isso, o Sacrifício eucarístico, actualizando o Sacrifício de Jesus, actualiza também, de algum modo, todos os mistérios da vida de Jesus.

No entanto, já por um lado a Eucaristia é memorial, em particular, da Morte e Paixão (o momento própriamente expressivo do Sacrifício) — *mortem Domini anuntiabitis* (2) — já por outro lado, o simples rito eucarístico não permite penetrar, nos reduzidos momentos em que se realiza, todos os muitos e ricos aspectos desses mistérios de Cristo.

Era por isso normal a organização de longo quadro de solenidades, onde a Igreja desdobrasse e decompusesse, como num prisma, um a um, todos os msitérios da vida redentora de Jesus.

Essa organização foi o *Ano Litúrgico,* organização dispensável, em absoluto. « A fracção do pão » em determinados dias, em particular no dia do Senhor, seria, até à segunda vinda, a constante e talvez suficiente recordação dAquele que as núvens do monte das Oliveiras, em Quinta-feira de Ascensão, tinham para sempre ocultado a olhos mortais.

Mas é de todo o ponto evidente, que um ciclo de festividades evocativas dos principais factos da vida de Jesus seria oportuníssimo; hoje dizemos pedagógico.

Confirma-se a afirmação anterior, de que o ano litúrgico não seria, em absoluto, necessário, pelo facto da Igreja das primeiras idades não conhecer mais do que a festa pascal (além do ritmo semanal dos

---

(1) Hebr. IX, 14
(2) « Anunciareis a morte do Senhor »: I Cor. XI, 26

domingos); confirma-se a segunda afirmação com o facto de bem cedo ter aparecido essa solenidade cristã, celebrando o mistério central de Cristo, em torno do qual, como de seu embrião, tomaria corpo o restante ciclo litúrgico.

E foi assim que em cada ano a Igreja começou a celebrar todo o *mistério cristão.*

*
* *

Quando se diz mistério cristão, entende-se o conjunto de todos os mistérios de Cristo, ou seja, toda a obra redentora do Senhor, iniciada na Incarnação, culminando no Calvário, prolongada na glória, — *opus nostrae redemptionis* (1) — a obra a que Jesus se refere, com suprema Paz, à hora de morrer: — *opus consumavi quod dedisti mihi ut faciam* (2) — a obra de Deus, — *Opus Dei.*

Esta obra de Glorificação de Deus e Redenção dos homens foi trabalho de Jesus — *os trabalhos de Jesus;* mas porque Cristo aparece na Terra como « Cabeça do Corpo da Igreja », (3) foi como tal, que Ele viveu toda a Sua vida, como tal, que Se imolou na Cruz e, como tal ainda, que Se imolará até ao fim dos tempos, sobre o altar : *Hoc facite in meam commemorationem, ...donec veniat.*

De modo que a Igreja, Corpo Místico de Jesus, complemento e « plenitude de Cristo » (4) total, ao celebrar os mistérios do Senhor, celebra mistérios que são igualmente Seus, (5) que o Senhor lhe deixou em testamento, para que deles, como de fonte inexaurível, Ela tirasse de contínuo a água viva da graça de Deus, que jorra para a Vida Eterna. (6)

E precisamente, para que os mistérios do Senhor estejam mais à disposição de Seus filhos, a Igreja os distribui ao longo do ano. Cada solenidade nos vai apresentando cada um em particular. A ordem crono-

---

(1) «A Obra da nossa Redenção »: Secreta Dom. IX dep. Pent.
(2) « Terminarei a obra que Me deste para Eu realizar »: Jo. XVII, 4
(3) Colos. I, 18
(4) Efes. I, 23
(5) Cfr. Don Columba Marmion, *Jesus Cristo nos Seus Mistérios*
(6) Cfr. Jo. IV, 14

lógica dos factos históricos evocados, serviu, naturalmente, de base a essa distribuição. Mas se eles se apresentam no Ano Litúrgico à maneira de calendário de datas históricas, não se imagine que o Ano Litúrgico está concebido apenas à maneira de programa de comemorações.

É celebração, é *vivência,* porque as datas do calendário cristão litúrgico são datas *vivas,* como toda a Liturgia é vida. O que nela se passa é a presença no tempo, no plano sacramental, de sinais, de realidades extra-temporais.

As datas do calendário são certamente *comemorações.* A leitura do Evangelho ou doutros Livros da Escritura Santa põe quase sempre diante dos nossos olhos os factos, històricamente narrados, com todo o seu realismo de existência natural. Assim, no Natal, quando se lêem os capítulos de S. Lucas referentes ao recenseamento romano, ao nascimento de Jesus, à adoração dos pastores. Mas a recordação do facto histórico, não é evocação puramente imaginativa, como quando se lêem no almanaque as efemérides da história humana.

O facto histórico oferece *objecto de contemplação.* E, nesta linha de ideias, as outras Leituras e os Cânticos que enquadram a narração central dum solenidade, conduzem, mais ou menos directamente, ao trabalho interior de assimilação da doutrina dogmática ou moral que se desprende do mistério. Ainda no exemplo do Natal, a sua meditação leva muito naturalmente a actos de fé no Verbo Humanado e a interior atitude de humildade, de confiança, de Amor, como é espontâneo sentir ao ver sobre as palhinhas, « alimentado com um pouco de leite, Aquele de Quem até as aves do céu recebem o sustento ». (1) *Sic nos amantem quis non redamaret ?* (2) Mas não é este só o objectivo do ano cristão.

Na celebração litúrgica os mistérios de Cristo não são só evocados, meditados, mas autênticamente *vividos* pela Santa Igreja.

O que significa esta *vida,* ou esta *vivência ?* — Que ao celebrar cada mistério de Seu divino Esposo, a Igreja *participa (partem capit,* isto é, recebe parte) autênticamente, na graça própria desse mistério, porque cada um é portador da sua graça peculiar. E a celebração litúrgica é o

---

(1) Hino de Laudes do Natal

(2) « Quem não há-de tornar com amor a Quem de tal modo nos amou ? » — *Adeste, Fideles*

modo normal de acesso a tal graça; pois que não falta a essa celebração *eficácia própria* para produzir nas almas a Graça de que o mistério é portador.

É evidente que o ano litúrgico não é sacramento, não actua *ex opere operato;* mas é igualmente certo que é *sacramental,* produzindo a graça *ex opere operantis Ecclesiae,* por superior eficácia da «Omnipotência suplicante» da Santa Igreja, embora segundo a disposição de cada indivíduo, como aliás sucede para os sacramentos.

A celebração da solenidade cristã tem a sua *eficácia sobrenatural* específica, de que beneficiam todos os que não se alheiam do sentir e do viver da Santa Madre Igreja.

Normalmente esta participação realiza-se por uma *presença activa* aos actos de culto (que não são meras cerimónias exteriores) em que a Igreja celebra o mistério, presença esta que implica naturalmente Fé, estado de graça, caridade; realiza-se pela *oração* recitada ou cantada da Igreja, que Ela nos colocou nos lábios para que seja igualmente de cada um de seus filhos. Realiza-se de modo sacramental na *celebração eucarística com a comunhão no Sacrifício,* com o qual sempre a comunidade cristã culmina todas as suas festividades. Realiza-se até pelos outros sacramentos.

Não deixa de ser útil observar que a administração de alguns deles está, por assim dizer, enquadrada no próprio calendário litúrgico. Além da Eucaristia, tantas vezes celebrada como que a propósito da celebração de outro mistério, o Baptismo, por exemplo, é, segundo velha tradição, sacramento da noite pascal, pois que a sua graça de Morte e Ressurreição é absolutamente paralela à graça própria do mistério celebrado nessa noite santíssima.

Há uma pedagogia sobrenatural, paralela à pedagogia natural, de que nem a Igreja nem Deus normalmente prescindem.

*
* *

E assim foi que a Igreja consciente de que saía do lado aberto do novo Adão, adormecido na cruz, como nova Eva, Esposa lavada em Sangue imaculado, « tendo por dote a glória do Pai, perlada da frescura de toda a graça que sobre Ela difunde Seu Esposo celeste, qual formosíssima

Rainha, a quem os próprios anjos fazem côrte », (1) a si própria se adorna com o maravilhoso anel do ano litúrgico, no qual, dia a dia, se vai extasiando na comtemplação e na comunhão dos mistérios que sendo de Cristo são igualmente seus.

Chamamos-lhe *ano,* sem atendermos talvez a que este vocábulo, no seu deminutivo, deu a palavra *anel,* termos em que se contém sempre a ideia de *círculo.* Por isso, velha linguagem lhe chamava *anni circulum,* o círculo ou o ciclo do ano. Em Matinas do Natal o Hino ainda hoje canta à maneira antiga: *Testatur hoc praesens dies, currens per anni circulum.* (2)

Dentro do círculo imaginaram os antigos que se moviam as idades do mundo as quais, uma vez dada a volta completa volveriam de novo ao princípio, em eterno retorno sem sentido.

A vida da natureza move-se também dentro do círculo. Depois do caos do inverno, surge a vida nova da Primavera; segue-se-lhe o verão em plena pujança, e o outono anuncia de novo a decrepitude; está outra vez à porta a estação invernal !...

No curto espaço de 365 dias há uma como que recapitulação de toda a existência terrestre.

É justamente sobre este esquema do ano natural, que a Igreja vai distribuir o seu ano litúrgico.

Cristo é o Sol — *Ego sum Lux.* (3) Quando o rei dos astros começa no horizonte descrevendo as suas órbitras cada dia maiores e o seu calor vai aquecendo a terra e despertando nela a vida, a Igreja celebra o Natal do « Sol da Justiça » — Jesus — *Oriens ex alto !* (4) Quando a primavera está em plena juventude, triunfante ao ressurgir da morte invernal, vem a Páscoa da Ressurreição — restauração em Cristo do homem velho ou envelhecido pelo pecado.

Quando o calor do estio começa a amadurecer os primeiros frutos do campo — os ardores do Pentecostes, com todos os dons do Espírito de Deus, vêm levar a perfeito acabamento a obra que a graça começou nas almas.

---

(1) Hino de Vésperas da Dedicação de uma Igreja

(2) « O presente dia, que agora vem no círculo do ano... » — Hino de Matinas do Natal.

(3) « Eu sou a Luz »: Jo. VIII, 12; IX, 5

(4) « Sol que vem do alto »: Cântico *Benedictus,* Luc. I, 78

Enfim, o desaparecimento lento da vida, a redução cada dia mais sensível da luz, uma como que aproximação de morte, quando as folhas caiem inertes pelo chão, o sabor a fim dos meses de outono, colocam-nos instintivamente na perspectiva do Fim e do *Advento do Senhor!*

Mas aqui nos encontramos, ao cabo do círculo do ano, com novo caminho que o paganismo não conheceu. Este não soube nunca sair do círculo fechado da existência terrena. Deuses e homens, todos coexistiam a dentro desta rotunda sem portais que foi para eles o tempo. Existir o mesmo era que suportar, sem possível evasão, o que a tantos pareceu insuportável. Fora deste círculo, um só poder, misterioso e sem apelação, a que homens e deuses cegamente obedeciam: o Destino, o *Fatum.*

O cristianismo não. Quando o ano litúrgico fala de fim, logo fala de princípio. Assim como o sol, que parece precipitar-se de vez para o outro hemisfério, outra vez se ergue a dar vida nova, assim ela, a Igreja, de novo começa o círculo do seu novo ano. O Advento, a Vinda do Senhor Jesus que Ela esperou e que de novo espera é *simultâneamente* prolongamento dum ano litúrgico e princípio de outro. A liturgia não conhece princípios sem *antes,* nem fins sem *depois,* porque ela « é como a refracção mística do círculo percorrido por Cristo », (1) o qual assim definiu, em admirável rota circular, toda a Sua vida: « Saí do Pai e vim ao mundo; de novo deixo o mundo e vou para o Pai ».(2)

Enquanto andar « neste vale de lágrimas », a Igreja não desprega o olhar de Cristo seu Esposo, gravitando em torno dEle, no círculo anual dos Seus mistérios, cega pela Sua Luz, presa do Seu amor, até nEle se precipitar na voragem louca da Divina Caridade, em perfeita união na Glória.

Ao anel místico que hoje é para ela sinal de Fidelidade, se juntará então a *coroa,* que também é atributo da Esposa, e à qual a toda a hora o Senhor A convida, em místico diálogo que o Amor entretém:

— VENI DOMINE JESU ! (3)

— VENI, SPONSA MEA, VENI CORONABERIS ! (4)

P. J. FERREIRA

---

(1) D. O. Casel, in *L'Année du Seigneur,* D. Aem. Loehr, O. S. B., pág. 27
(2) Jo. XVI, 28
(3) « Vinde Senhor Jesus »: Apoc. XXII, 20
(4) « Vinde Esposa minha, vinde receber a coroa »: Cant. dos Cant. IV, 8

Nossa Senhora no Antigo Testamento

TRÊS PROFECIAS MARIOLÓGICAS

A Revelação Divina foi paulatinamente progredindo com a civilização e as mentalidades até atingir a plenitude em Nosso Senhor Jesus Cristo que a confiou à Igreja para a guardar e, interpretando-a, a transmitir aos homens.

A Igreja, consoante os vários sentidos, tem visto na Sagrada Escritura do A. Testamento a presença de Maria. Ela, porque é Mãe de Jesus, está constituída, com Ele, centro da história da humanidade. « De Nossa Senhora, como de Nosso Senhor, é proporcionalmente verdade pensar que a sua vida e a sua acção começam antes da sua existência histórica e nunca mais acabam » — diz D. Démaret com inteira justeza.

Deixando de parte uma referência aos símbolos e figuras marianas do A. Testamento, que só por si davam para um extenso trabalho, vamos examinar, no plano profético, a presença duma Mulher que o Espírito Santo desde cedo foi revelando, e a quem haviam de ser conferidas prerrogativas especiais, pois estava destinada a ser a Mãe do Prometido.

GÊNESIS, III - 15

A Sagrada Escritura conta-nos, logo de início, como o mau uso da liberdade teve uma influência catastrófica para o Homem, não só Adão, mas toda a sua descendência.

Conta-nos ainda como, depois do primeiro pecado, numa cena judicial solene, Deus aplica um castigo a cada delinquente.

Voltando-se para a serpente inimiga, depois de a humilhar com maldição que marca uma vida degradante, o Todo Poderoso ameaça-a com castigo duradoiro, nestas palavras:

« Inimicitias ponam inter te et mulierem, et semen tuum et semen íllius: ipsa conteret caput, tuum, et tu insidiaberis calcaneo eius ».

Ao castigar o demónio, Deus faz-lhe ver que o põe em luta, a ele e sua descendência, com Eva e sua descendência. Mas, para que a luta redunde em castigo para o príncipe do mal, é necessário que ela represente um triunfo da parte de Eva. Estão duas forças racionais frente a frente. Eva, só por si, não será a vencedora, pois se revelou fraca ao primeiro embate. Mas Deus aponta a descendência. É de lá que sairá a vitória. A vitória há-de ser, justamente, a reabilitação dos planos do Criador que tinha infundido no homem a vida sobrenatural.

A promessa é consoladora para os nossos protoparentes decaídos e marca, sem dúvida, a grande linha da História da Aliança. Ela constitui a primeira base da teocracia de Israel. Constitui, além disso, a primeira admirável génese da doutrina cristã, que resolve o problema humano pela divinização de Deus — enquanto, ainda hoje, há quem desesperadamente aponte como preferível a divinização do homem. E é toda a História do Mundo a explicar o sentido autêntico do passo referido.

Trata-se duma profecia messiânica, da primeira profecia messiânica, como todos os exegetas reconhecem. Tratar-se-á também duma profecia mariológica ?

Uma vez que Maria não pode ser separada do Messias, se Ele vem contido na descendência de Eva, também Maria e em grau semelhante. Além disso, assim como a Adão se opõe Deus, importava que à Eva pecadora e vencida se opusesse uma Mulher sem mancha de pecado e triunfante.

A profecia dá a entender claramente que as inimizades estabelecidas por Deus são para o futuro e têm especial cabimento entre a « serpente » e o sexo feminino. Com efeito, antes do « semen » vem « te et mulierem ». Isto leva-nos a pensar numa mulher distinta de Eva mas filha da sua descendência.

Na continuidade da Revelação Bíblica, não é fácil encontrar mais que um testemunho implícito para esta verdade, incluído nos testemunhos explícitos acerca do Messias. A tradição, todavia, parece tornar-se mais favorável, quando vê em Maria o antitipo de Eva e mãe da humanidade

nova: a partir do II século, S. Justino, S. Ireneu, e Tertuliano; e depois quase todos os Padres gregos e latinos que falaram deste assunto, podem interpretar-se neste sentido.

O S. Padre Pio IX tomou, significativamente, o texto na Bula « Ineffabilis Deus » da proclamação do dogma da Imaculada Conceição. Embora da afirmação de Pio IX se não possa tirar um argumento apodítico para o valor marial do Proto - Evangelho, o certo é que se deve reconhecer a autoridade do apoio que o Santo Padre faz na dita passagem. Ele marca bem a conveniência de que Nossa Senhora tenha vencido a serpente infernal, numa vitória anunciada por Deus, precisamente, em Gen. III-15. E esta vitória, além de ser em união com Cristo tem ainda muito de pessoal.

Uma vez que, apesar de tudo, a análise interna e exegética do texto não inclui Maria, tem de dizer-se que Ela está presente neste passo das Letras Sagradas como antitipo de Eva e Rainha dum Reino de Graça e como dando a razão de ser ao perfeito sentido da profecia que ficaria incompleto, sem a sua presença.

É lícito, por consequência, servir-se de Gen. III-15, como texto de prova para qualquer verdade marial nele compreendida.

ISAÍAS, VII - 14

O reinado de Acaz (735 - 727 A. C.) foi um dos mais apreensivos de toda a Dinastia davídica, no reino de Judá.

A Assíria, ao norte, ameaçava esmagar os pequenos reinos e, em breve, estender a soberania ao próprio Egipto. A Assíria tornava-se o sinal de destruição; seria o tipo de todos os inimigos do Povo Fiel.

Quando Samaria e Damasco tentaram organizar uma forte coligação contra o poderoso Império, Acaz, vendo a manobra assaz temerária, recusou-se a anuir. Atraiu assim sobre Jerusalém as forças Siro-Exraimíticas. O Povo e o monarca tremeram. Para evitar um desastre, resolvera Acaz pedir socorro à Assíria.

Conhecendo-lhe os desígnios, Yaweh mandou ao seu encontro o profeta Isaias, para dizer ao rei que se aquietasse e até, para maior tranquilidade, solicitasse de Deus um sinal miraculoso. Acaz julgava mais segura a espada de Teglatfalasar que o braço do Todo Poderoso. Respondeu hipòcritamente: « Não pedirei; não tentarei a Deus ».

O Profeta exaspera-se e, numa comiseração sublime, anuncia ao Rei a ruína da sua casa e o seu castigo. Sabe que Deus não deixará de lhe dar o sinal. Por isso, à mistura com a ameaça, fulge um clarão de esperança: o anúncio do Libertador:

« Ecce Virgo concipiet et pariet filium et vocabitur nomen ejus Emmanuel ». (1)

Trata-se duma profecia nìtidamente marial. Neste oráculo o profeta, além de preparar da maneira mais apta a Revelação da Divindade de Jesus, anuncia que a maternidade de Maria é miraculosamente virginal.

Com efeito, Ele anuncia o nascimento do Messias. Este terá o nome de Emmanuel — sinal próximo da salvação pela presença de Deus. Nos capítulos seguintes, são atribuidos tais predicados ao Emmanuel, que nos colocam na perspectiva da sua Divindade: a Palestina, dita Terra de Yaweh, pertence-lhe também (VIII, 8-10); sobre os seus ombros, esplende a soberania; será chamado o maravilhoso conselheiro, Deus forte, Pai sempriterno, Príncipe da Paz (IX - 6); sobre Ele repousará o Espírito de Yaweh, espírito de Sabedoria e de Inteligência, etc.... (X,-2); Ele é o Libertador — vem com todos os poderes de Deus, resgatar o Povo de Deus e, fundando uma era nova, estabelecer-se Príncipe da Paz.

A Mãe do Emmanuel dá Isaias o nome de Virgo, que deve tomar-se no seu sentido mais autêntico, isto é, de donzela solteira e absolutamente ilibada da mancha carnal. Este nome é dado à Mãe do Messias apesar de Ela estar grávida e parturiente. Mas quem poderá conceber que o Profeta atribua à Mãe do Libertador — o Grande Prometido — a infâmia duma concepção ilegal, uma vez que o nome que ele dá não inclui a ideia de Matrimónio ?

O vaticínio é dado para casa de David, presente no rei Acaz. O Emanuel (Is. XI - 1) virá dessa casa. Porque não aponta Isaias um monarca para pai do grande libertador? Parece tanto mais estranho o facto, quanto é certo — no oráculo vem dito — um nome será posto ao notável Menino; esse nome indica alguma coisa da sua obra, se não da própria natureza; esse nome ser-lhe-á posto pela Mãe, contra uso comum do tempo que reservava, exclusivamente, para o pai semelhante direito.

---

(1) Tradução conforme com o original: Eis uma Virgem grávida e dando à luz um filho; e chamou-o pelo seu nome de Emanuel — Deus conosco ».

Em Mat. I, 22-23, se encontra a determinação perfeita do sentido desta profecia.

Os próprios protestantes têm reconhecido, nela, uma alusão à virgindade de Maria: Rosenmuller; Oriver; Von Orelli; seja permitido citar um testemunho de Calvino: « é evidente que Isaías falou duma Virgem que deveria conceber, não segundo a ordem comum da natureza, mas pela graça do Espírito Santo ».

Em conclusão: a maternidade da Virgem é, sem dúvida, um milagre, pois lhe não destrói a Virgindade.

A quem convirá este passo, se não, necessàriamente, a Nossa Senhora ? A Sua Virgindade na Maternidade será uma das mais radicais setas contra o rei das trevas.

*

* *

MIQUEIAS, V - 1 - 2

Miqueias teve de pregar contra os costumes depravados duma sociedade corrompida. A sua mensagem encontrou eco no coração do rei Ezequias, que iniciou corajosamente uma profunda renovação religiosa.

Talvez por via deste arrependimento e expiação oficial, Deus poupou da guerra, por algum tempo, a cidade santa e, porventura, devido aos méritos da piedosa acção de Ezequias, enviou ao seu povo oráculos de consolação. É anunciada a vinda do Messias para libertar o resto fiel das garras dos inimigos. O profeta nos dá o local da sua origem: « e tu Belém... de ti me sairá o dominador de Israel ».

E ajunta:

« Propter hoc dabit eos usque ad tempus in quo parturiens pariet ».

Em S. Mateus II-5, se diz que esta profecia é aplicada, à letra, ao Salvador e em S. João VII, 41-42 se insinua o mesmo. Além disso a tradição cristã é unânime a este respeito.

O que Miqueias atribui ao Dominador nascido em Belém, nos versículos seguintes e noutros lugares, leva-nos a crer que ele falava de Cristo, tanto mais que a semelhança da sua profecia com a de Isaías é flagrante. O Messias, aparece como uma personagem histórica bem determinada; é natural, portanto, que sua Mãe — « parturiens » — seja igualmente bem

determinada e não possa « confundir-se » com a genérica « filia Sion », algures proposta.

Tal como Isaias, também Miqueias pronunciou este oráculo de esperança numa hora tormentosa. A vinda do Libertador é anunciada para depois das tribulações e castigos. Ele virá, como havia dito Isaías, para suavizar a dor e acabar com as dominações estranhas. Quando a «parturiente » der à luz, então, começará a obra de Yaweh, na pessoa do seu Ungido.

Uma vez que esta profecia está intimamente ligada com Is. VII - 14, a « parturiente » é também Maria, Virgem e Mãe.

De novo, o povo, atribulado e miserável, recebe o anúncio da prosperidade pela indicação de Maria. O Espírito Santo dava a entender que o grande amor do Messias pelo seu povo esplendia já em Sua Mãe. Ela compendiaria todas as provações dos seus irmãos. Saberia que tudo quanto representava miséria e castigo, jorrava duma fonte comum: *o pecado*. E, por isso, teria uma grande vontade de libertar os oprimidos, Mãe das dores, Mãe do Amor formoso, que O daria à luz em Belém.

*

* *

Maria está presente, no A. Testamento, como uma esperança de Salvação, como um farol ou uma estrela num mar nevoento.

Toda a oração, nobreza e santidade da A. Aliança têm o mérito em atenção Àquele que Maria traz ao mundo. Em toda a piedade de Israel está contido o anseio pela hora da Redenção, a hora de Maria. Por Ela se cumpriria a Promessa de Deus feita a Abraão: que a salvação para o mundo viria da sua descendência. E a salvação foi Jesus.

Por Ele, mereceu Maria que o Céu a apelidasse cheia de graça. Por Ele, sofreu o que nenhuma das Mães pode sofrer: uma dor imensa — dor vitoriosa.

Por Ele, mereceu, enfim, subir ao céu em corpo e alma e ser coroada pela Santíssima Trindade, numa apoteose celeste de triunfo e sumo enaltecimento, a tal ponto transcendente, que os homens possam exclamar com S. Tomás de Aquino: « BEATA VIRGO REGINA et MATER REGIS est... Stat SUPER OMNES CHOROS IN VESTITU DEAURATO, id est, deaurato DIVINITATE, non quod sit Deus, sed QUIA est MATER DEI ! ».

A. LEITÃO

A Virgem Imaculada num Auto Sacramental

Bastaria um simples olhar sobre a História dos Povos para ràpidamente verificarmos que as representações cénicas foram sempre do seu agrado. Pelo que diz respeito a nós, portugueses, sabemos que, desde os alvores da nacionalidade, nos paços reais e nas residências dos nobres senhores, havia bobos encarregados de divertir os amos com as suas mímicas e momos. O palco era, quase sempre, o pátio da casa, coberto pelo céu estrelado. Nas grandes solenidades familiares estes passatempos tornavam-se mais sérios; preparavam-se diligentemente e com antecedência e neles tomavam parte, como actores, as próprias pessoas da família.

A par deste teatro de carácter profano, existia, também, o teatro religioso. As suas origens, segundo Herculano, devem procurar-se na Inglaterra, onde encontramos, a partir do séc. XI, representações monacais de assuntos colhidos nos Livros Santos. « Os monges consideravam privilégio seu a arte de representar. Tanto assim que ainda no séc. XIV pediam a Ricardo II o embargo do exercício da profissão aos comediantes » (1). As próprias igrejas, ou os seus adros, serviam de palco, enriquecendo-se, desta forma, o ambiente religioso da peça. Às vezes, porém, a representação era ambulante, percorrendo os actores as ruas das cidades, vilas ou aldeias, em carros especialmente preparados, que, depois, serviam de palco.

Em nossos dias, podemos apontar, como restos desta tradição, o

---

(1) *A Língua e a Literatura Portuguesa* — P.e Arlindo Ribeiro da Cunha — 3.ª edição — pág. 200

canto das Janeiras ou dos Reis e o uso de carros alegóricos, que perdura ainda em certos cortejos de gala. « Reminiscências de tudo isto são também os presépios armados nas igrejas na quadra do Natal e as verónicas e anjinhos de certas procissões dos Passos... » (1)

Uma das mais gloriosas manifestações deste teatro religioso aparece, sem dúvida, em Espanha, com os Autos Sacramentais. Representavam-se, geralmente, no dia da festa do Corpo de Deus e daí a qualificação de « sacramentais ». O fim da sua representação era fundamentalmente catequético — a instrução do povo, através duma « simbolização concreta, em figuras dramáticas, das ideias abstractas da teologia católica »; (2) dizendo de outro modo: era a dramatização dos mistérios da nossa fé. O teatro religioso foi, assim, um instrumento de apostolado. E como é grande a sua força de persuasão!

Entre os homens que cultivaram este género literário figura o P.e Pedro Calderón de la Barca (1600 - 1681), genial poeta dramático, nascido em Madrid. Além de 120 comédias para o teatro profano, compôs também numerosos autos sacramentais, alguns deles dedicados a Nossa Senhora, como este — La Hidalga del Valle — de que vamos tentar fazer uma análise rápida e sucinta. (3)

É enorme a riqueza de ensinamentos teológicos que nos dá esta peça. Tudo gira à volta duma questão jurídica. Como diz o Apóstolo, em Adão todos pecámos; por isso a Culpa exige de todas as gerações o respectivo tributo de vassalagem:

Filhos de Adão, Tributários
Do pecado original:
Eu sou a Culpa que exige
O dízimo universal...

As gerações que precederam Moisés (Lei Natural) são simbolizadas por Job; as gerações de Moisés a Cristo (Lei Escrita) são simbolizadas por David. Estes pagam o seu tributo, mas, no meio das suas dores, apontam símbolos duma criatura eleita: a Arca de Noé, salva do dilúvio

---

(1) Idem, pág. 201
(2) *Magnificat* — Maio - Junho — 1954 — pág. 10
(3) Na confecção deste trabalho, utilizámos a feliz adaptação livre, publicada na revista « Magnificat » — Maio - Junho — 1954

que Deus decretara por causa da maldade dos homens e o Velo de Gedeão, que se encontrava orvalhado quando tudo em redor estava seco ou, então, se encontrava seco quando tudo em redor estava orvalhado.

Ao ouvir isto, a Natureza, escrava da Culpa, enche-se de alegria, pois um dia virá em que se há-de apagar da sua fronte o ferrete da escravidão do pecado.

A partir deste momento a peça vai-se tornando cada vez mais empolgante. Algo de misterioso se vai passar. A Natureza inteira parece rejubilar, pois que, como anunciaram os Profetas.

... do céu baixaram alegrias
De Ana e Joaquim ao lar abençoado...

A Culpa, ao contrário, enche-se de raiva ao pressentir que Alguém escapará à sua alçada. Pretende, à viva força, entrar em casa de Ana e Joaquim para que tal não suceda. A isso se opõem o Amor Divino e a Graça e, assim, ela fica excluída da conceição de Maria. Mas não desanima e, apelando para a Escritura, manda buscar os Textos Sagrados. Surge, então, a Alegria:

Na Escritura bem patente
Encontrarás que a mulher
Esmagará a serpente.

Tremenda discussão se levanta, neste momento, entre a Culpa e a Alegria. Esta afirma e defende o poder de Deus que preserva Maria do pecado original; aquela vai retorquindo não vendo em Maria mais que uma simples criatura como qualquer outra. A discussão prolonga-se até que a Culpa lança um argumento que deixa a Alegria perplexa — se Maria é excluída do pecado original, não beneficiará da Redenção, pois que esta existe em razão daquele:

Será pois a Mãe de Deus
Ou concebida em pecado
Ou não será redimida
Desse sangue derramado.

Fica-te, pois, a pensar
No caso, um pouco melhor.

Atónita, a Alegria fica sòzinha, pensando como rebater o subtil argumento:

Ó quem pudera vencer
Esta contenda intrincada:
Deve ser Imaculada...
Redimida deve ser...
E em ambas coisas honrada!

De-repente, como que esclarecida por alguma luz vinda do alto, põe-se a abrir uma cova:

'Stou cavando o fundamento
Para uma excelsa morada...
Procuro, em subtil intento,
A base dum argumento
Numa questão intrincada.

Algum tempo depois, entrando um dos personagens que assistira à discussão e apoiava também o argumento da Culpa, não dando pela cilada, nela caíu. A Alegria apressa-se a socorrê-lo, libertando-o do perigo. A seguir entra novamente a Culpa que já ia a cair na mesma cilada quando a Alegria a detém:

Olha esse desvão traidor!
Cuidado: Passa de banda.

Ambos agradecem o terem sido livres do abismo e a Alegria aproveita-se do sucedido para rebater o argumento da Culpa:

Qual de vós tem mais motivo
Para me estar obrigado:
Quem do mal foi preservado,
Ou quem, da traição cativo,
Foi ao depois libertado?

Responde o que tinha caído:

O que padeceu traição
E a seguir foi socorrido.

Ripostando, a Culpa afirma:

Mas eu creio que é melhor
Preservar que redimir.
Por graça dum benfeitor,
Quem não chegou a cair
Teve a cura sem a dor.

Perante esta afirmação, a Alegria conclue o seu argumento:

Logo: de Deus preservada
Está a que não caíu.
Limpa, antes de manchada
Concebida imaculada
Mais devedora se viu.

Foi mister sangue de Cristo
Para erguer o pecador?
O mesmo sangue entrevisto
Foi o resgate previsto
Para a Mãe do Redentor.

Como é simples, acessível, lógico e provativo este argumento à base duma comparação — a Virgem Maria é imaculada por aplicação antecedente dos méritos do Redentor!
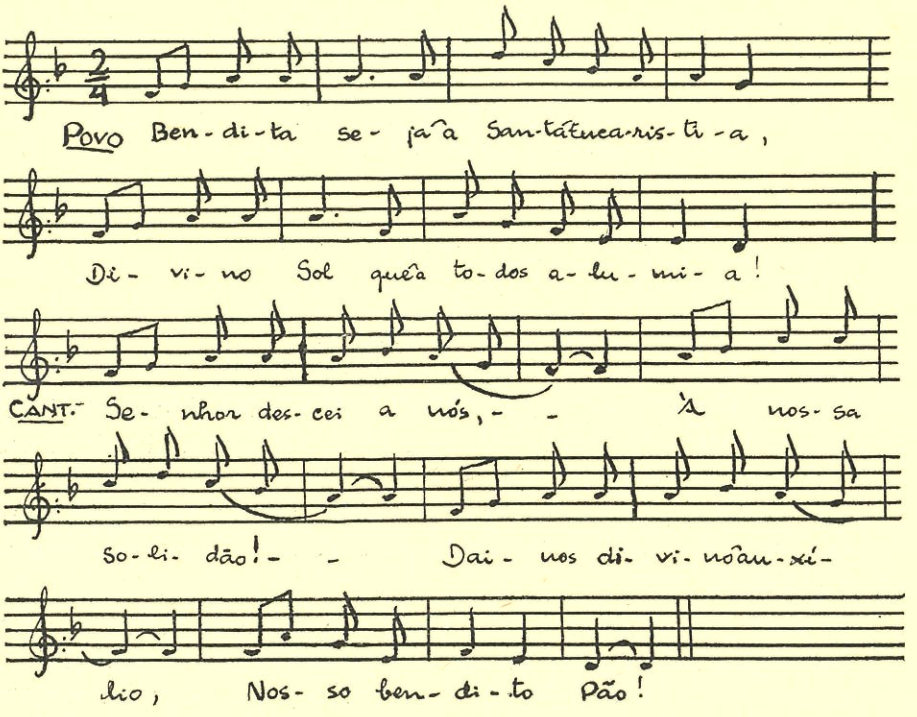
A peça termina, pouco depois, com o aparecimento da Virgem, sendo, então, apagado da fronte da Natureza, pelas águas do Baptismo, o ferrete da escravidão do pecado.

Por aqui podemos ver toda a riqueza e valor do teatro religioso. Hoje, tal como ontem, poderíamos também utilizá-lo na Pastoral. O povo precisa de distrair-se — esta uma verdade que ninguém contesta. Pois saibamos apresentar-lhe, nos nossos salões paroquiais ou similares, esses divertimentos sãos de que têm necessidade. Desta forma, ao mesmo tempo que se divertem, irão aprendendo as verdades fundamentais da nossa fé. E, assim, o teatro continuaria a ser, em nossos dias, um meio poderoso e eficaz de instrução, na Pastoral da Igreja.

S. Rendeiro

CÂNTICO DE COMUNHÃO

(ADVENTO)



I

Senhor, descei a nós,
Ã nossa solidão!
Dai-nos divino auxílio,
Nosso Bendito Pão!

II

Que a vossa Luz, Senhor,
As trevas nos uesfaça:
— Ó Santa Eucaristia,
Divino Sol da Graça! —

CORO

Bendita seja
A Santa Eucaristia,
Divino Sol
Que a todos alumia!

III

Descei às nossas almas,
Descei a nós, Jesus;
Não tarde a alumiar-nos
A Vossa infinda Luz!

IV

Divina Eucaristia,
Enchei-nos de vigor:
— Em nós, Divino Orvalho,
Floresça o Vosso Amor!

V

Traçai em nossas almas,
Ó Sol de Luz infinda,
Caminhos sempre abertos
À Vossa Santa Vinda !

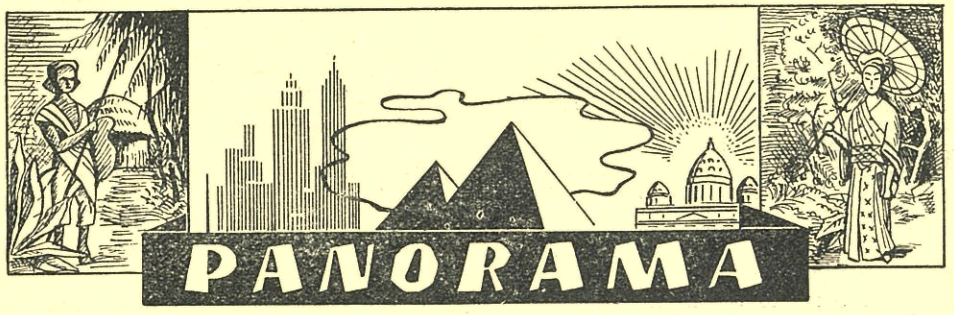
*
* *

É bem notada a falta dum hinário religioso para a assembleia cristã, agora que o movimento de renovação litúrgica em Portugal cresce, como graça de Deus, dia após dia. O pouco de realizado, mais do que louvores, merece o estímulo ao aproveitamento das experiências conseguidas e à mais aplicada reflexão das normas a que devem submeter-se as boas vontades para que tanto esforço não se dilua no acanhado horizonte das meras *intenções-louváveis*.

Como a outras, também esta insuficiência a julgamos oriunda já do individualismo das iniciativas, já de certo conformismo lamentável com tudo o que afoga a vida cristã no mau senso das realidades litúrgicas, senso particularista e sentimental, formalista e amolecido. Quantos dos nossos cânticos religiosos são um tríplice pecado contra a arte musical, a poesia e o espírito litúrgico ! — Às músicas, falta-lhes a sobriedade e a significação da harmonia sagrada entre o homem e Deus; os versos ou são um puro vazar de palavras rebuscadas e preciosas, ou são dizeres aprosados e banais que as regras da métrica exigente atrofiam; o espírito litúrgico, da oração em Cristo com a Igreja, dá lugar às orações que — no dizer de Thomas Merton — deleitando embora os que se têm por confortàvelmente salvos, apenas servem para arredar quantos mendigam a graça da redenção.

A renovação, que importa, dependerá de competências decerto existentes e dispostas à tarefa. Entretanto, « Novellae Olivarum » continua a sua modesta participação, apresentando, de vez em vez, novos cânticos religiosos. E, sem tomar compromissos que lhe não cabem, aceitará de bom grado quantas sugestões ou trabalhos enviarem aqueles que a experiência melhor capacita. De modo igual, tais sugestões e trabalhos conseguidos estarão ao dispor de quem, autorizadamente, haja de organizar a desejada colectânea.

F. M. — A. L.



Um problema pastoral na ordem do dia - a pregação

Os reduzidos frutos ou, em grande parte dos casos, a ineficácia prática total da prègação nos dias de hoje, é facto verificado por especialistas e observadores qualificados. Mais, aqueles mesmos a quem incumbe o dever de pregar são os primeiros a interrogar-se sobre a utilidade do tempo que a isso consagram, acabando muitos por relegar para segundo plano o ministério da palavra.

Na enumeração das causas dessa ineficácia tem de mencionar-se em primeiro lugar a falta de preparação do auditório. É uma consequência inevitável da descristianização, se considerarmos esta em toda a sua amplitude — abrangendo o que falta de cristianismo aos próprios cristãos, àqueles mesmos que frequentam habitualmente as nossas igrejas.

Como segunda causa do descrédito da pregação terá de apontar-se o que há de deficiente na própria actividade dos pregadores, quer quanto ao conceito em que têm esse ministério, quer no que diz respeito à adaptação da pregação as condições actuais e às necessidades do auditório.

Valioso contributo para a valorização da pregação por parte dos ministros da palavra de Deus, deu-o o *Contre de Pastorale Liturgique*, com a recente publicação de mais um número de *La Mai-*

son-Dieu (Fasc. 39 — 3.º trimestre 1954), inteiramente consagrado a tais problemas.

O fascículo insere em primeiro lugar um notável trabalho de René Girault — *La prédication est mystère* — que constitui como que a síntese de todos os outros. O autor tenta atingir o nó do problema, afirmando e demonstrando que a razão profunda da crise da pregação reside na perda do sentido sacral da mesma que, antes de mais, faz ver no pregador o arauto, o *profeta* de Deus. Leva-nos ainda a evitar o perigo de, atribuindo à pregação uma finalidade puramente catequética, doutrinária, esquecer a sua função pròpriamente formativa, que não será realizada se o próprio pregador não viver a «tensão perpétua dos acontecimentos e da fé».

Num breve parêntesis rebate os que alegam não estar a pregação prevista, em ter o realce devido no quadro da liturgia, e demonstra que aquela é requerida para a realização plena desta.

Retoma logo a seguir a perspectiva inicial agora no traçar das normas concretas ao pregador. Requer-se competência teológica, conhecimento do auditório, sentido das realidades, mas, como base de tudo, uma vivência profunda do mistério de Cristo, só conseguida pela oração, a humildade e o espírito de zêlo.

O segundo trabalho intitula-se *Contenue et pédagodie de la prédication* chrétienne e é assinado por André Liégé, o. p. Nele se afirma que para chegar ao conhecimento do que deve ser o conteúdo e pedagogia da pregação basta aprofundar o conceito riquíssimo de *Palavra de Deus*. A fidelidade a essa palavra, que o pregador está incumbido de transmitir, determina o grau de eficácia e dinamismo divinos com que Deus a acompanha.

Igualmente no campo da pedagogia importa nunca esquecer todas as potencialidades que a genuína palavra de Deus é capaz de fazer despertar e desenvolver na alma cristã.

No desenvolvimento do estudo o autor dá abundante exemplificação e detém-se no exame de muitos pontos concretos.

De carácter mais ligeiro, embora não menos construtivo, é o trabalho de Louis Bouyer — *Conditions d'une prédication vraiment pastorale.*

Adverte que qualquer sermão ou homilia não pode ter verdadeiro alcance pastoral se for vazio ou de conteúdo doutrinal, ou de verdade humana.

Ao longo do artigo responde aos que, incapazes de encontrar a conciliação prática das duas exigências, muitas vezes por deficiência de preparação, ou pecam por realismo fácil sem sentido religioso, ou caiem em distinções de manual sem aplicação à vida.

Os trabalhos *Saint Augustin prédicateur, Essai sur la terminologie de la prédication chrétienne,* ambos de Christine Mohrmann e *La manière dont Jésus parlait* de Pierre Quinsat, s. j., são de interesse mais restrito, embora muito valiosos como erudição. De todos, o último é o que se me afigura de mais útil leitura. É uma análise dos discursos de Jesus que põe em realce os recursos de ordem literária e oratória empregados pelo maior dos pregadores. Juntamente com a divina virtude emprestavam às diáfanas afirmações do Salvador o maior dos atractivos, o mais forte poder de persuasão que é possível conceber.

O artigo de A. M. Roguet *Les sources bibliques et liturgiques de la prédication,* é a conclusão de um trabalho iniciado em números anteriores.

O problema dos planos da pregação e o da distribuição dos diversos pontos de doutrina ao longo dos Domingos do ano merecem um estudo à parte. O autor deste último exemplifica com um plano utilizado na paróquia de Sainte Odile em Paris.

Nas últimas páginas pode encontrar-se uma completa relação bibliográfica.

Aqui fica esta breve apresentação e comentário que apenas tem em vista suscitar interesse pela leitura integral deste número, magnífico de alcance doutrinal e utilidade prática, da tão afamada revista de Pastoral Litúrgica.

A. TAVARES

Documentário eclesiástico sobre a construção de Igrejas

Os problemas levantados pela renovação da arte sacra com base no actual movimento litúrgico e na evolução da sensibilidade moderna, têm sido objecto, nos últimos anos, da constante solicitude pastoral das autoridades eclesiásticas.

Após documentos de largo alcance como a «Instrução do Santo Oficio sobre Arte Sacra», de 1951, as «Directivas do Episcopado Francês», de 1952, a Carta Pastoral de Sua Iminência o Cardeal Patriarca de Lisboa, de 1953, surgem agora, na Alemanha, directivas episcopais «*para a edificação da Casa de Deus segundo o espírito da litúrgia romana*».

Concretas, precisas, reflectindo já as mais recentes conquistas do movimento litúrgico, constituem estas directivas documento decisivo para a orientação da nova arquitectura religiosa Daí a sua projecção em todos os países onde estes problemas se encontram na ordem do dia.

A Alemanha do após-guerra dá-nos o exemplo, cremos que único nos nossos dias, de arquitectos cristãos trabalhando em estreita união com os litúrgistas, encorajados e orientados pelos Bispos. Por isso ali se encontra em florescimento uma arquitectura verdadeiramente apta a traduzir as exigências litúrgicas e pastorais do Povo de Deus.

No entanto é difícil avaliar pelo conjunto das obras realizadas o alcance desta colaboração. Temos de reconhecer que são poucos hoje na alemanha os arquitectos cujo valor não pode sofrer contestação. De entre os católicos apenas apontaremos Rodolf Schwarz, de Colónia, cuja obra, tanto religiosa como profana, é das de maior vulto no panorama da arquitectura contemporânea. Foi um dos pioneiros da renovação em curso, com a sua admirável igreja em Aix-la-Chapelle, de 1930.

Além deste, muitos outros há que concebem o templo como expressão das realidades litúrgicas e pastorais e que tomam parte activa nos estudos tendentes a fixar a influência mútua das duas esferas. As suas realizações são, por isso mesmo, notaveis sob este aspecto. Porém, na grande maioria, a qualidade reside mais no valor litúrgico da planta do que na perfeição do conjunto como obra de arquitectura.

Ao contrário da Alemanha, a Suiça possui uma equipa de arquitectos católicos de grande mérito, cuja obra, realizada ao longo dos últimos vinte anos alcançou já uma maturidade que a coloca na vanguarda de todos os países onde floresce uma arquitectura religiosa moderna.

Falta porém ali a cooperação dos liturgistas e sobretudo o apoio esclarecido e vivificador dos bispos, tal como se verifica no país vizinho.

Por isso começaram os arquitectos suiços a procurar no movimento litúrgico alemão o impulso de que necessitavam para a sua actividade.

Os primeiros contactos estabeleceram-se em 1950 com o Instituto Litúrgico alemão de Trier (Treveris).

Em 1951 eram convidados arquitectos e Sacerdotes suiços a participar num encontro litúrgico organizado por este instituto no *castelo* de Rothenfels. (1) Em 1952 fazia-se na abadia cisterciense

(1) Adquirido depois da guerra pela « Jugend Bewegung », movimento da juventude católica alemã, ali se realizam todos os anos inúmeras semanas de estudos sobre os mais variados assuntos. Em todas elas a orientação das cerimónias religiosas encontra-se a cargo de um eminente liturgista, o Dr. Kahlefeld, que aproveita estes encontros para formação litúrgica dos participantes.

de Haute-Rive, na Suiça, uma semana de estudos para os artistas católicos sob a orietação do Dr. Jabannes Wagner, então secretário daquele instituto, liturgista com larga visão dos problemos da arte sacra. Pouco mais tarde, ainda em 1952, era o mesmo Dr. Wagner convidado a apresentar uma conferência na reunião anual da Sociedade de S. Lucas, associação dos artistas católicos suiços.

Em contrapartida as autoridades eclesiásticas alemãs confiam de bom grado a edificação de igrejas aos arquitectos do país vizinho. Assim Hermann Baur, de Basileia, que já em 1951 projectara uma igreja para o Sarre, foi recentemente convidado a tomar parte num concurso para a edificação de um novo templo, na mesma região, ao lado de tres categorizados arquitectos alemãis, Projecta também actualmente mais duas igrejas para a Alemanha.

Eis o terreno fecundo no qual as directivas dos bispos alemães vêm depositar a semente de novos progressos, quer pela aprovação oficial daquilo que de melhor se tem vindo a fazer, quer pela formulação clara de exigências que para muitos eram ainda desconhecidas ou permaneciam obscuras..

Deve-se a elaboração destas directivas ao Dr. Teodor Klauser, professor universitário em Bonn, a pedido e com a cooperação da «Comissão Litúrgica» presidida pelos bispos de Maiença e Passau, na qualidade de relatores litúrgicos da conferência episcopal de Fulda. O trabalho do Dr. Klauser foi feito com base nas respostas recebidas de todos os bispos da Alemânha a um questionário que lhes fora enviado. O texto definitivo só foi fixado após numerosas reuniões da dita comissão, de que fazem parte, entre outros, o professor Komano Guardini e o Dr. Wagner, agora director do Instituto Litúrgico de Trier.

O documento consta de princípios e de consequências. Foi publicado em versão francesa pela revista «L'Art Sacré» no seu número de Março-Abril últimos. com o texto completo dos princípios e em resumo das consequências.

A mesma versão foi transcrita em «Paroisse et Liturgie», no número de Setembro-Outubro: Porque a tradução se não revela inteiramente fiel e o resumo desvirtua por vezes gravemente o sentido e o alcance do texto original não aconselhamos o recurso a esta versão.

No próximo número apresentaremos aos leitores de «Novellae Olivarum» a tradução completa do texto original

JOÃO DE ALMEIDA

Realizações católicas no campo do cinema

Profèticamente escrevia o então cardeal Paccelli em Abril de 1934: « O cinema vai ser o maior e mais eficaz meio de influência, mais eficaz ainda que a imprensa ».

Vinte anos passaram já sobre este aviso do actual Pio XII, e se examinarmos com objectividade o facto da expansão e influência cinematográficas, teremos de concluir que a profecia se cumpriu à letra. Mas se por um lado a visão do Sumo Pontífice foi justa, não se pode dizer por outro, que tenha sido abandonada a acção evangelizadora que se impunha, dada a gravidade e importância de tal assunto. Assim, em concreto, pelo que toca a realizações católicas no domínio da arte das imagens, no ano de 1954, apontamos entre outros os factos seguintes:

O « Office International Catholique de Cinema» (O. C. I. C.) realizou, de 20 a 24 de Junho, um congresso em Colónia, com o fim de estudar os vários aspectos da censura moral do filme. De entre os oradores destacamos o «Rector Magnificus » da Universidade de Milão, P. Agostinho Gemeli O. F. M., que tratou dos fundamentos psicológicos e teológicos da classificação moral cinema-

tográfica. Ao P. João Bernard, presidente do «Office», escreveu, em nome do Papa, Monsenhor Montini, actual arcebispo de Milão e ao tempo pró-Secretário de Estado do Vaticano, dando normas para a classificação moral das películas. Entre os 150 delegados dos 26 países que se fizeram representar no congresso, estava Mons. Albino Galleto, secretário da Comissão Pontifícia de Cinema, que representava o Vaticano.

Constituiu-se no Canadá, em Maio passado, o « Centro Católico do Cinema » (C. C. C.) cujo regulamento foi dado a público por S. E. o Cardeal Léger arcebispo de Montréal. Entre as diversas actividades do C. C. C., relevamos um serviço de formação cinematográfica do público e particularmente da infância.

Na Argentina temos a registar duas iniciativas de muito interesse. A inauguração, na cidade de Rosário, de uma sala modernissima, que apenas projecta filmes seleccionados de acordo com a classificação moral da Acção Católica argentina, e a instituição de um prémio destinado a galardoar cada ano, a película argentina que nesse ano melhor tenha contribuído para elevar o nível espiritual, moral e cultural dos frequentadores das salas escuras.

Semelhantemente, a Legião da Decência mexicana, organização dirigida por Mons. Arturo Velez, bispo de Tolnea, acaba de instituir 4 prémios para impulsionar o cinema moral e assim contrariar a acção da censura mexicana demasiadamente laxa.

Um dos votos da « Semana de educação cinematográfica » realizada em Medelin na Colômbia, foi o de que todos os estabelecimentos de ensino tivessem alguém responsável pela educação cinetográfica dos alunos, «que acostume a juventude, antes de terminar os seus estudos, à crítica alta, artística, e sobretudo moral do cinema que é não só diversão, mas também um meio de ensino».

Integrada no Congresso Eucarístico de Leiria, realizou-se no mês passado uma semana internacional de cinema católico. Esta semana tinha como fim, pôr em realce, segundo um comunicado dos organizadores, a «dignidade do cinema, como um dos mais eficazes meios de apostolado».

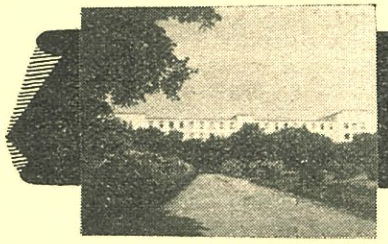
O padre Gabriel Sinaldi professor de estética cinematográfica na Universidade Internacional de Estudos Sociais de Roma, deu em Havana um curso sobre arte e técnica do cinema. O P. Sinaldi esteve este ano na América para promover a orientação dos católicos na crítica cinematográfica.

Queremos ainda acrescentar a estas breves notas a notícia de que se fundou em Espanha a já célebre Legião da Decência, cuja falta tanto se tem feito sentir entre nós. Os membros desta organização tomam, entre outras, a obrigação de não assistir a representações cinematográficas moralmente más ou não conformes à idade do membro da Legião.

E, por último, registamos que funcionou em Roma no passado mês de Outubro, o segundo curso sobre espectáculos para o clero italiano. Mons Galleto orientou os trabalhos, tendo dado colaboração pessoal Mons. Montini, ainda então pró-Secretário de Estado, que afirmou entre outras coisas, que o cinema, a televisão e a rádio estão no centro das preocupaçoes da Igreja e da Hierarquia Romana.

Em Portugal nada temos a registar sobre este assunto.

JOSÉ LUIS M. DE MATOS



CRÓNICA

Mais um ano...

Com os últimos dias de Setembro começou para cada um de nós novo ano e com ele nasceram, novas esperanças. Cada que passa traz sua mensagem. Há que desvendá-la para poder vivê-la.

Foi o trabalho dos primeiros dias. Diante de Deus, com sinceridade, cada qual procurou saber concretamente o que o Senhor lhe pedia neste ano.

O retiro foi pregado pelo actual Provincial da Companhia de Jesus que dirigira já todos os turnos de retiro para o clero.

A sua palavra quente, a segurança da sua doutrina e simplicidade irradiante da exposição falaram da competência e virtude do pregador. Da colheita e dos frutos só Deus poderá saber mas os homens podem adivinhar um pouco.

Por esse pouco que se vislumbra... Que Deus lhe pague.

Festa de Cristo Rei

Numa época em que as sociedades vivem à margem de Cristo e da Igreja, é necessário que se pregue e proclame a Realeza de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Não o esqueceu o nosso Patriarca ao escolher Jesus Cristo-Rei para titular do novo Seminário dos Olivais, aqui, à beira da Capital e em pleno século XX. Sob o seu reinado cresceram as paredes desta casa e com a Sua Espada — a Cruz — têm saido todos os anos dezenas de padres por esse Patriarcado além na busca das almas e do Reino de Deus.

Por todos estes títulos, o último domingo de Outubro foi para nós dia festivo. Em redor do altar se cantaram os primeiros louvores do Cordeiro no verdadeiro e único sacrifício.

Na Sé esteve em verdade a Igreja do Patriarcado. Estava o nosso Pastor, o seu clero, os seus seminaristas e o seu povo brilhantemente representado pela grande massa da Acção Católica, na unidade da mesma fé e da mesma crença.

Diante dessa cerimónia impressionante nós sentimos toda a vida da Igreja a transbordar no entusiasmo daqueles jovens, como promessa duma civilização nova e cristã

Ao cair da tarde ofertámos ao Rei os últimos louvores com o canto de Vésperas. Ao cantar o primeiro verso do Hino penetramos todo o verdadeiro significado desta festa:

Nós vos proclamamos o Príncipe que domina os séculos
O Rei das Nações e dos povos
O Mestre e Guia das almas e dos corações

A voz do Pastor

Cada ano se vai sentindo mais todo o carinho do nosso Patriarca pelos seus Seminários. Eles são, sem dúvida, uma constante no seu pensamento e no seu coração. Isso no-lo diz o cuidado em nos vir falar, agora mais amiudadas vezes.

Logo nos primeiros dias a sua pala-

vra carinhosa e autorizada foi um grito de renúncia ao banal e um apontar de ideias mais nobres.

Meia dúzia de perguntas nos ficaram a bailar no espírito após as suas palavras:

Onde a nossa deminuição diante dos outros jovens ? Que ideal mais alto que o de uma cruz, levada de sorriso nos lábios e coração em festa ? Onde a riqueza duma vida conscientemente doada ao Amor, por amor ? Quem mais fácil de se enamorar do que de nobre tem o sacerdócio que a nossa juventude em fogo ? Onde quem apalpe como nós o mistério regenerador da graça ? Quem com mais palavras de vida eterna ?

Pontos de interrogação que são já um despertar para os cumes. Onde resolvê-los ? — Nas palavras, nos gestos, no olhar do nosso Pastor. Quem não sente a plenitude do sacerdócio na juventude do seu sorriso que não morre ? Quem não descobre no seu entusiasmo toda a realização destas palavras: « o meu jugo é suave » ? Onde uma alma mais enamorada de Jesus e da Mãe do Amor Formoso ? Quem melhor do que ele pode abrir os braços e sentir a graça, assim de braços abertos ao fim de 25 anos de graças multiplicadas ? Onde a melhor prova das verdades que pregou que a sua própria vida ?

Esta a minha lição!

Quando do encerramento das cerimónias do Ano Mariano em Portugal, a 13 de Outubro, Sua Eminência mais uma vez nos veio falar. Ele o grande Pontífice disse do amor às pequeninas coisas. Elas na verdade fizeram a grandeza da Virgem que mais não fez que fazer bem o mais trivial da vida.

Desta vez veio a pergunta directa: — qual a nossa resposta ao pedido de penitência e oração feito por Maria em Fátima ?

Cada um responderá por si. Mas por todos responderá qualquer ao pedir: seja benvindo sempre, até nós, o que a Igreja nos deu por Pai.

O dia das Missões

«Tenho outras ovelhas que não são deste aprisco» foi o grito de Jesus ao contemplar a vastidão da Messe.

Mais que qualquer leigo nós devemos atingir toda a profundidade dramática deste desabafo do Mestre. E atingi-la é compreendê-la para a poder viver. E vivê-la é pedir ao Senhor muitos operários para a Sementeira.

Quem melhor que nós ? Onde lábios que ponham mais calor na prece ? — Nós apalpamos a realidade. Quantos pensam à margem de Cristo ! Quantos vivem fora de Sua influência ! Quanto se ama longe do Mestre. Nós apalpamos... Por isso marcamos presença.

Ao ofertório da Missa além da pequena esmola de cada um, levada ao altar por alguns, em nome de todos, cantou-se à Mãe de Deus:

Ó Maria Rainha das Missões
Dai-nos muitos e santos missionários

Ela conhece a vastidão dessas terras infiéis; ela vê a falta de braços no lançar da semente. Só Ela pode dar remédio. Por Ela subimos ao Pai.

O Círculo Missionário de S. João de Brito trouxe ao Seminário interessantes e elucidaivos documentários cinematográficos em que surgiam vários dos problemas das nossas missões. Neles se notava o esforço heróico dos pioneiros do Evangelho, em dar solução imediata às dificuldades, para uma penetração mais profícua do Cristianismo.

Ao Círculo Missionário o nosso bem haja.

D. António de Campos

No dia 3 de Novembro tivemos a alegria de receber no nosso Seminário o Senhor D. António de Campos, Bispo Auxiliar do Patriarcado que junto de nós vem residir.

À noite houve uma sessão íntima de boas vindas presidida por Sua Ex.ª Rev.ma.

Pelos alunos falou o Rev.º Manuel Alves; o Senhor Vice-Reitor saudou Sua Ex.ª Rev.ma em nome de todo o Seminário, fazendo votos por um longo e fecundo pontificado.

E, num ambiente tão agradável quão familiar, ouvimos dois números pela po-

lifonia que falaram pela mestria da interpretação e pela beleza musical. Parabéns ao Senhor P.e Viçoso. O nosso Miguel Ponces de Carvalho mais uma vez fez dançar os seus dedos mágicos sobre o teclado do piano, em dois trechos que encheram e convenceram.

O Sr. D. António de Campos disse a última palavra. Com o seu sorriso dinâmico apelou para a nossa generosidade. Ele será daqui em diante o Bispo das estradas do Pariarcado, nós os seus mais íntimos colaboradores. Da nossa dádiva e do nosso entusiasmo resultará toda a eficácia do seu trabalho.

S. Nuno Alvares Pereira

Esteve a cargo da Associação de St.º Condestável a organização da festa em honra do seu patrono.

Logo pela manhã pedimos ao Pai do Céu as graças necessárias para a sua canonização.

A patrulha de S. Nuno do nosso Clan X realizou à meia tarde uma simples mas significativa festa à figura admirável do Santo-Soldado.

Ao ouvirmos um pedaço da «Crónica do Condestabre» mais uma vez vislumbrámos toda a belaza dessa cadeia de virtudes que foi a vida do grande pioneiro da Fé e da Pátria.

Que cada qual colha uma lição.

Mais uma vez o dia terminou com o último dos documentários cinematográficos da Congregação dos Padres Brancos — uma pequena história toda humanidade e virtude, passada em terras de Missão.

Pela academia

Sob a presidência do Senhor Vice-Reitor, que fez votos por que a Academia tivesse mais um ano de pleno rendimento, reabriram as actividades académicas, num ambiente que nos pareceu prometedor. H o u v e comunicabilidade entre a assistência e uma espécie de interesse deveras consolador.

A primeira sessão, além das breves e acertadas palavras do Presidente, foi uma sessão normal. Deu de se entrar em cheio no esquema de trabalhos planeado para este ano. O académico Nicolau Dias Baptista apresentou um interessante trabalho sobre o problema da emigração. Se outro valor não tivesse que o despertar dificuldades e suscitar novos problemas este lhe sobraria; mas o trabalho primava pela clareza e seriedade da investigação.

O nosso assistente acertou, no final, alguns pontos que ficaram em suspenso após aguerrida polémica.

O secretário António Alves Guerra disse ainda duas palavras àcerca do actual estado religioso na Índia.

— Também a Academia dos Filósofos abriu,no d i a 14 de Outubro, com o entusiasmo de q u e só os jovens são m e s t r e s. A sala de reunião apresentava um a s p e c t o agradável e cuidado. O novo presidente Albino Cleto falou e vibrou com o seu trabalho «Comunistas convertidos». António Carrilho Ribeiro fez algumas acertadas reflexões «A propósito de Dom Camilo de Guareschi». — Que o entusiasmo se mantenha e o facho não se apague.

Catequese

Nada mais consolador que ter a certeza de formar Cristo nas almas inocentes das crianças. Elas, os verdadeiros adoradores do Pai, elas, reflexos vivos da Beleza Incriada devem ser ensinadas a prestar a Deus o louvor perfeito.

Para isso nós fomos, logo que nos foi possível, dar-lhes a palavra de Deus. Com que entusiasmo não debandamos em pequenos grupos para as paróquias vizinhas ! Ele foi Moscavide, ele foi Olivais, ele foi a Sacavém, ele foi o Bairro da Encarnação. Em cada, várias escolas, em cada escola alguém em nome de Deus.

Sejamos pródigos na sementeira que da colheita outros se encarregarão.

ALBERTO NETO

Redondilhas...

Ao nascer o Deus Menino,
— Um pedacinho do Céu
A Virgem Pura, no rosto
Sete beijinhos lhe deu...

Mas Jesus, que bem sabia
Pagar amor com amor,
Agradece à Mãe Bendita
Com sete espadas de dor !

Maria quis tanto, tanto
A prenda do seu Jesus,
Que as sete espadas floriram
Num sete-estrelo de luz !

A. SARAIVA LEITÃO

SUMÁRIO DE 1954

Acção Católica e obras auxiliares (Tipos de) — P. Manuel Falcão 158
Albert Camus (Caminhos de) — I — A. Tavares 233
» » » » — II — » » 272
Alentejano (O) — Religião e temperamento — P. Soares 202
Altum (Ad) — F. Melro 283
Anel da esposa (O) — P. José Ferreira 290
Anglicanismo e a volta a Roma (Agonia do) — Rocha Merendeiro 7
Antigo Testamento (Nossa Senhora no) — A. Leitão 297
Apostolado da oração — Marques Dias 170
Apresentamos 59, 151, 186, 210, 255 284
Arte Moderna — João de Almeida 197
Boas Festas (As) 1
Cântico da Comunhão — Advento — F. M. — A. L. 308
Convertidos (Sobre os) — A. Guerra 23
Convertidos Modernos (Santo Agostinho e os) — Alberto Neto 241
Cinema e Nossa Senhora (O) — Cláudio Teixeira 146
Crónica 30, 62, 124, 184, 253 316
Escutismo e Acção Católica — L. D. 174
Estudos Paroquiais (Semana de) — A. T. 166
» » » » — S. Rendeiro 286
Experiência Pastoral (Uma) — F. Graça 33
Iconografia Cristã (Da) — A açucena — A. Teles 150
» » » — A âncora — Francisco Nuno 247
» » » — Os símbolos dos quatro Evangelistas — J. Marques 278
Imprensa estrangeira (Pela) 118
Índia (O Cristianismo na) — A. Barbosa 71
Islão em marcha (O) — José Mendes 15
Livro do mês — C. G. 95
Mar (Homem do) — Alcides Martins 54
Meio rural (Cristianização no) — L. Dias 44
Mistério da Cruz (O) — P. José Ferreira 96
Natal (Meditação do) — Carlos Galamba 2
Ofertório (Música para o) 169
Padre Lombardi fala à Novellae Olivarum (O) — F. M. — J. B. 78
Panorama 25, 91, 154, 207, 251 311
Pio IX e a proclamação de um dogma (O Pontificado de) — A. Jorge 127
Poderá o cinema traduzir realidades espirituais ? — I — J. V. Marques ... 82
» » » » » — II — » » » ... 113
Pobres (Os nossos) 13, 52, 87, 111, 143, 177 215
Pregação (Como os meios operários recebem a) — A. Jorge 211
Presença de Deus no momento que passa (Da) — N. S. 66
Prosper Guéranger (Dom) — Fernando Melro 264
Psicanálise e a moral (A) — I — Miguel P. de Carvalho 178
» » » (») — II — » » » » 217
Psicologia dos Simples — P. L. Dias 258
Rearmamento Moral (O) — João Salvado 103
Romance (Literatura de) — J. Canilho 122
Santo Agostinho (Do homem segundo) — J. Afonso 225
Tomas Merton — Alberto Teixeira Dias 106
Troca de impressões — A. Jorge 38
Virgem Imaculada num Auto sacramental (A) — S. Rendeiro 303
Virtude Esquecida (A) — Padre Carlos 211

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.A, L.DA

A casa mais antiga do País no seu género

(FUNDADA EM 1832)

RUA DA VITÓRIA, 82 a 88 — **RUA DO OURO, 166 a 170**

Lustres — Lanternas — Placas - Castiçais — Lâmpadas - Suspensões

Banheiras — Caldeiras — Esquentadores — Fogões de cozinha

INSTALAÇÕES

SANITÁRIAS — AQUECIMENTO — ELÉCTRICAS

CASAS DE BANHO — CENTRAL — CONTRA INCÊNDIOS

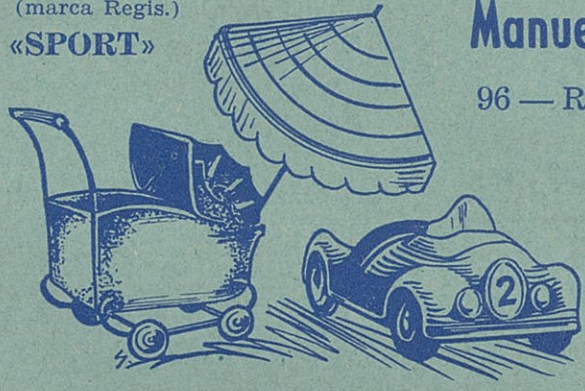
PÁRA-RÁIOS — ASCENSORES — TELEFONES

VENTILAÇÃO

TODOS OS TRABALHOS EM LATÃO E FERRO FORJADO

(marca Regis.)

«SPORT»



Manuel José Soares

96 — R. Coelho Neto — 98

Telefone 51676

PORTO

Fabricante de automóveis, triciclos, carros e cadeiras para crianças

Nos Bazares prefira sempre a marca «**SPORT**»

Especialidade em toldos, guarda-sois ferragens e panos em todos os modelos para estabelecimentos

Sociedade de Tapeçarias, L.da

ESTOFADORES E DECORADORES

Rua Augusta, 126 - 130 Tel. 26669

Casa especializada em estofos e decorações, com oficinas próprias e estoques próprios os mais completos e variados e aos melhores preços do mercado.

Sedas, Damascos e Brocados próprios para decorações de Igrejas

As mais modernas criações dos industriais nacionais e estrangeiros

Agradece desde já a Vossa muito estimada visita

Sociedade Editora

ALA ESQUERDA

Composição e impressão de Jornais, Livros e Revistas

Trabalhos Tipográficos em todos os géneros

Telef. 268 - B E J A - Apartado 25

(Oficinas Gráficas da Diocese)

SOCIEDADE INDUSTRIAL METALÚRGICA

S. A. R. L.

SERRALHARIAS

Rua de S. Tiago, 13 LISBOA

C. SANTOS

LANIFÍCIOS

Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.

Qualidades para todos os preços — Exclusivos — Secção de cachecois e lanifícios de cor

DESCONTOS E PRAZOS

OURIVESARIA

ALIANÇA

Verdadeiro atelier de arte, conhecido no País e estrangeiro.

As mais especializadas oficinas para a esmerada confecção de todos os objectos do culto católico

Rua das Flores, 191 a 211

PORTO

Rua Garrett (Chiado), 50

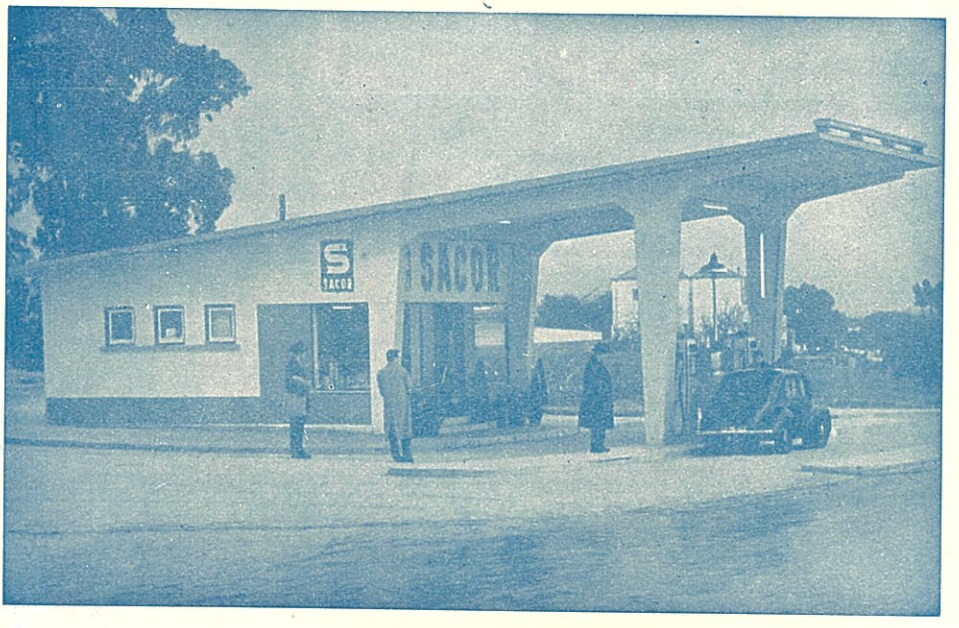
LISBOA



SACOR

Trabalho da Nação
para a
economia da Nação

Um esforço diário de
800
Portugueses

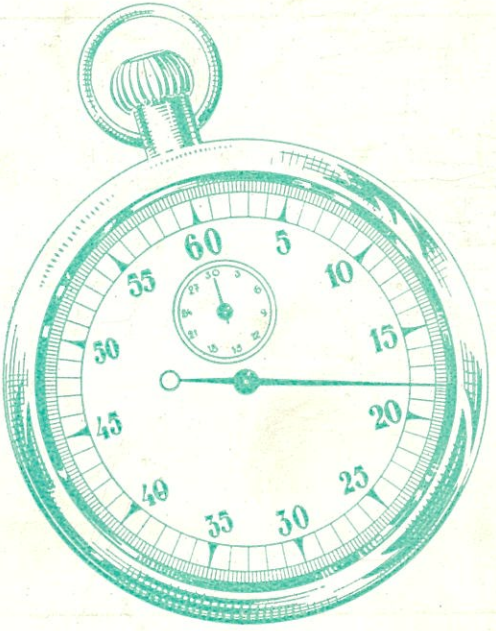


SACOR

EM LISBOA E EM TODO O PAÍS

TOSSE ?

DESAPARECE RÀPIDAMENTE





COM

BENZO-DIACOL